

## **FRAGMENTOS DO TRABALHO EM PREPARAÇÃO**

### **Energia, Informação, Intencionalidade e Consciência: para uma onto(cosmo-psico)logia contemporânea**

**Ralf Rickli** • [rr@tropis.org](mailto:rr@tropis.org)

Este trabalho se encontra em preparação desde outubro de 2007. Havendo necessidade de fazer uso público de alguns de seus conceitos e na impossibilidade de concluí-lo de imediato, estamos publicando na internet os capítulos que já se podem considerar relativamente concluídos, mais alguns fragmentos da parte ainda totalmente em obras, em 21.10.2008.

## **0. Uma ontologia anti-ontológica 3**

### **1. Do Ser à Energia e Informação 4**

- 1.1. A Informação em quatro níveis 4*
- 1.2. A Informação, Platão, Bateson e Descartes 5*
- 1.3. Um problema adicional: o Espaço 5*
  - 1.3.1. Espaço como potencial de diferenciabilidade 6*
  - 1.3.2. Espaço como contraparte lupasciana da Energia 6*
  - 1.3.3. O chinês que sempre espera rindo ao final da escalada 7*
  - 1.3.4. De como três continuam sendo dois 8*

### **2. Novos elementos no universo humano 8**

- 2.1. Vontade e Voluntariedade 8*
- 2.2. Coisas que não quero dizer com "Vontade" 9*
- 2.3. Distinguindo Consciência de conteúdos 10*
- 2.4. IC 10*
- 2.5. Sendo três mais uma vez 10*

### **3. Consciência e realidade, Intencionalidade e acaso 10**

- 3.1. O psíquico e o real 11*
- 3.2. Da ação ao seu sujeito 11*
- 3.3. O concorrente da Intencionalidade 12*
- 3.4. Intencionalidade, acaso e entropia 12*
- 3.5. Não existe porém oscila 12*
- 3.6. O que sentimos que somos 13*
- 3.7. ... e a ânsia de nos reconhecemos além dos limites desta corporalidade 13*

### **4. Especulando sobre a emergência e a dinâmica da IC em nós 14**

- 4.1. O surgimento da Consciência no confronto com o mundo 14*
- 4.2. Uma abordagem lupasciana à unidade Intencionalidade-Consciência 15*
- 4.3. O caráter pontual do Eu e a manutenção da identidade 16*
- 4.4. Uma possível concepção (bio e psico) genética: a IC como emergente 16*
  - 4.4.1. Um neo-determinismo complexo 17*
  - 4.4.2. Sobre o convívio com concepções incompatíveis 17*
- 4.5. A IC e o desenvolvimento cerebral em relação circular 18*
  - 4.5.1. Sobre a IC e o pensar: uma primeira advertência 18*
- 4.6. O reino que a IC habita 18*
  - 4.6.1. Corpo 19*
  - 4.6.2. Psiquismo 19*
  - 4.6.3. Imagem complementar I: MAGMA 20*
  - 4.6.4. Imagem complementar II: SOFTWARE E HARDWARE 20*
  - 4.6.5. Um imbricamento inextricável 20*
  - 4.6.6. Quem "manda no pedaço"? 21*
  - 4.6.7. Sistematizando nomes para nosso uso 22*
  - 4.6.8. O sentido tradicional da palavra Corpo 22*
  - 4.6.9. A IC no Complexo Psíquico-Físico total [ANOTAÇÕES INCOMPLETAS] 23*
- 4.7. A IC em ação nos seus campos [NOTAS A DESENVOLVER] 23*
  - 4.7.1. Agir 24*
  - 4.7.2. Conhecer 24*
  - 4.7.3. Sentir 24*
  - 4.7.4. O Pensar e o Sonhar 24*
  - 4.7.5. Quereres 25*
  - 4.7.6. Amores 25*
  - 4.7.7. O pensar quer ou o querer pensa? [A DESENVOLVER] 25*
  - 4.7.8. Dos pensamentos que nos habitam [A DESENVOLVER] 25*

### **Capítulos 5, 6 e 7 omitidos nesta publicação: em processo de total reordenação 26**

### **Referências [lista provisória] 26**

## 0. UMA ONTOLOGIA ANTI-ONTOLÓGICA

Na verdade eu duvido que muitos filósofos significativos tenham feito caso disso... mas ouve-se por aí que seria tradicional começar a exposição de sistemas filosóficos pelas considerações rotuladas de Ontologia – “o estudo do ser”. Tanto que, quando o argentino Enrique Dussel começa pela Ética e não pela Ontologia a sua Filosofia da Libertação, diz fazê-lo expressamente como ato revolucionário.

Concordo com Dussel quanto ao primado da Ética: ela é existencialmente premente, tem urgência, e não faz sentido só abordá-la quando já estivermos esgotados pela infundável discussão quanto “à natureza do ser”. Também a Filosofia do Convívio que proponho é antes de mais nada uma filosofia ética – ou, mais exatamente, ético-política (pois trata da relação das posturas e decisões individuais com o modo como a sociedade funciona em todas as escalas, da local à global).

Apesar dessa escolha de prioridades (ela mesma um exemplo da natureza ético-política das escolhas individuais), admito que no correr de qualquer discussão não é incomum encontrar enrosco em questões ontológicas – “da natureza do ser” –, algumas até reais, embora a grande maioria não passe de fantasmagorias geradas pela nossa forma de usar as palavras (como parece que Wittgenstein tentava demonstrar, embora – eu suspeito – tenha acabado gerando ainda outras...)

Desconfio que isso se dá, em parte considerável, porque os filósofos profissionais insistem em discutir “o ser” apenas nos termos da própria tradição filosófica, sem levar em conta o que outras disciplinas contemporâneas, como a física, têm podido dizer recentemente sobre a natureza do existente.

Aferrados a um tipo de linguagem, na verdade traem sua própria tradição – pois para um Aristóteles, um Descartes, um Newton, um Leibniz, seria ridículo dizer que a reflexão filosófica nada tivesse a ver com a física, e vice-versa.

No século XX, porém, muitos discutiram filosoficamente a forma das ciências (Epistemologia), mas poucos o conteúdo de suas descobertas. Parece até haver certa discriminação contra os que ousaram fazê-lo, como o romeno Stephane Lupasco – sem dúvida um dos filósofos mais importantes do século XX, e dos menos mencionados.<sup>1</sup>

Que não seja, porém, o medo de sermos discriminados o que nos oriente na escolha das nossas palavras e assuntos! – sobretudo porque o futuro, embora na maior parte das vezes simplesmente nos esqueça, nos poucos casos em que recorda costuma ser capaz de identificar o que foi realmente relevante (isto é: com potencial de fazer diferença real) – e raras vezes isso corresponde ao discurso dominante ou mais generalizado em determinada época.

É, portanto, com esse espírito de empenho meta-disciplinar que quero alinhar aqui algumas observações que talvez possam ajudar a não ficarmos nos enroscando em falsas questões ontológicas. Não gostaria, porém, que isto fosse entendido como “a ontologia da Filosofia do Convívio”, como parte obrigatória. Trata-se mais é de um corpo de reflexões paralelo, que pode *conviver* com o outro, contribuindo e recebendo contribuições... ou não – mas sobretudo sem nenhuma obrigatoriedade.

---

<sup>1</sup> Inclusive porque Edgar Morin, muito mais conhecido, não deixa explícito o quanto deve a ele. Para um panorama multifacetado do pensamento de Lupasco e de sua importância, ver NICOLESCU 2001.

## 1. DO SER À ENERGIA E INFORMAÇÃO<sup>2</sup>

Costuma-se definir "Ontologia" como estudo ou discurso sobre "o ser" – porém essa me parece uma palavra nebulosa da qual não temos mais nenhuma necessidade de fazer uso.

Podemos distinguir, em nós mesmos e na totalidade do mundo que conhecemos, alguns poucos elementos constituintes que não podem ser reduzidos um ao outro.

Ecossistemas de discursos científicos do passado ainda insistem em papagaiar por aí que tudo é feito de unidades básicas chamadas átomos. Que se continue ensinando esse mito pseudo-científico nas escolas é até mesmo criminoso, pois já vai para 80 anos que os cientistas afirmam que as estruturas que ganharam impropriamente o nome de átomos não são nada básicas, e sim formadas de outras estruturas, e essas ainda de outras, sendo que no fim restam apenas **Energia e Informação**.<sup>3</sup>

### 1.1. A Informação em quatro níveis

Em última análise, ninguém sabe dizer o que Energia realmente é; sabe-se é que se retirarmos das coisas as camadas e camadas de informação e sobreinformação, restará Energia indiferenciada: um calor inerte, igual em toda parte, incapaz de fazer ou de se tornar qualquer coisa por si mesmo.

O mundo físico na sua totalidade, inclusive a matéria, consiste de *Energia com diferenciações*. Ou, dito de outro modo: as diferentes coisas consistem de Energia diferenciada de diferentes modos.

Num sentido bem geral podemos dizer que a mera existência de diferenciações já constitui Informação – mas esta palavra somente começa a vibrar em sentido mais próprio quando falamos das *relações* entre os diferentes pontos do campo em questão (*diferentes* justamente porque *diferenciados* – observação menos fútil do que pode parecer à primeira vista).

A esses dois níveis de complexidade acrescenta-se um terceiro: é quando identificamos *padrões* nessas relações: seqüências de diferenças que se repetem, ou uma seqüência que nos permite recordar uma outra devido a algum tipo de similaridade (por exemplo, por apresentar as mesmas relações em ordem inversa, ou ampliadas/reduzidas guardando as mesmas proporções). Talvez possamos dizer que aqui estamos lidando com macro-relações ou meta-relações: com relações entre blocos-de-relações-elementares (como no tradicional tópico da matemática "razões e proporções", que correspondem respectivamente a *relações elementares* e a *meta-relações*).

É usando esses três níveis de complexidade das diferenciações que nós seres humanos *encontramos e/ou colocamos* nelas outra "coisa" que pode ser chamada *sentido* – o que já é um *quarto* nível.

Resumindo os quatro níveis a que relacionei a palavra Informação: **diferenças**; as **relações** entre as partes diferenciadas; **padrões** de relações; os **sentidos** identificados ou atribuídos às estruturas de padrões.

---

<sup>2</sup> Serão grafados com inicial maiúscula os nomes dos "personagens principais" de que o artigo trata. Muitas vezes uma palavra surgirá no texto com inicial minúscula passando pouco depois a maiúscula, indicando que foi "promovida" do plano do uso comum ou corriqueiro para o quadro dos conceitos principais do artigo. Na exposição de idéias alheias, porém – inclusive as do senso comum –, a mesma palavra poderá voltar a aparecer com minúscula.

<sup>3</sup> Não estou falando a partir de nenhum barateamento vulgarizador. Abundantes declarações nesse sentido foram feitas já no segundo terço do século XX por cientistas do porte de um Erwin Schrödinger e de um Werner Heisenberg. Entre tais declarações está a de que se alguma "coisa" merece o nome de "átomo", essa deve ser o quantum de energia, e nenhuma outra. Ver a propósito AUGER *et al.* 1990 e GRIBBIN 1987.

## 1.2. A Informação, Platão, Bateson e Descartes

As coisas de que digo não ter dúvidas são raríssimas – e esta é uma delas: não tenho *nenhuma* dúvida de que era ao universo da Informação que Platão tentava se referir com a Doutrina das Idéias.

Ele não se enganava, portanto, ao dizer que idéias são entidades absolutamente reais – a menos que não queiramos considerar reais os programas e os vírus de computador, apesar de tudo o que fazem, pois não apenas o que eles fazem é informar, como também toda a substância ativa de que são feitos não é outra coisa senão informação; são objetos ou estruturas (feitos) de informação; e uma mesma estrutura dessas pode moldar ou ser registrada em uma infinidade de materiais diferentes, e ainda ser reconhecida como a mesma – fato inequivocamente já comentado por Platão.

Isso não significa, porém, que faça sentido tentar enquadrar nas formulações originais de Platão tudo o que descobrimos hoje. Seja lá por quais razões (que definitivamente não cabe investigar aqui), Platão acaba deixando surgir uma carga considerável de complicações desnecessárias.<sup>4</sup> Meu conhecimento de sua obra é bastante limitado, mas penso aqui especialmente na “teoria da participação nas idéias”,<sup>5</sup> que ao tentar superar algumas dificuldades termina se enredando nelas cada vez mais.

E é minha aposta que hoje somos capazes de evitar precisamente essas dificuldades pela compreensão de que as características da Informação são de certa forma inversas às de “substância”: baste mencionar que, ao contrário da substância, um padrão pode ser aplicado infinitas vezes sem risco de se acabar ou de se desgastar; ou em outras palavras: quanto mais usado mais existe.

Olhando além de Platão, também é claramente a esse mundo (o da Informação, e mais particularmente aos níveis das relações e padrões) que se refere a “Cognição 2” descrita no século XX pelo antropólogo e epistemólogo Gregory Bateson, se não me engano partindo de alguns conceitos de Bertrand Russel.<sup>6</sup>

E Descartes – esse Descartes que mais me parece mal compreendido do que culpado dos erros que se lhe vêm imputando – parece ter enxergado o universo da Informação e um pouco além, ao falar de *res cogitans* (a “coisa pensante”)... Trataremos disso um pouco adiante –

## 1.3. Um problema adicional: o Espaço

... mas antes é preciso reconhecer ainda outro elemento inequivocamente presente no mundo em geral – por mais que meu empenho por simplicidade aspire a reduzi-lo apenas aos dois já mencionados (Energia e Informação) – e desde já peço desculpas por este trecho que será provavelmente o de leitura mais árdua no artigo (se não agüentar, não me ofendo que você salte – pelo menos na primeira leitura).

Definimos “o corpo” da Informação como *diferenciações na Energia* – mas diferenciações em uma coisa nem são possíveis se não houver alguma coisa... *diferente*, em jogo com a primeira.

Isso vem (pelo menos logicamente; se também temporalmente, não nos interessa especular) ainda antes da existência das diferenciações – e, portanto, de toda a “torre de sentidos” que ligamos ao nome Informação.

Diferenciação significa que (tomando apenas dois exemplos entre muitos possíveis) a Energia que há num ponto tem uma direção de movimento diferente da que

---

<sup>4</sup> Em todo caso, talvez se pudesse buscar em rumos como: ter caído na armadilha de tentar responder a objeções ineptas nos termos em que foram formuladas, tratando as idéias excessivamente ao modo das substâncias ou coisas físicas; limitações dos sistemas de representação e operação (linguagens) de que dispunha em sua época, etc. Minha impressão é, porém, que a raiz principal do problema é a tão fútil e tão nefasta obsessão ocidental (tanto indoeuropéia quanto semita) de encontrar algum absoluto fixo.

<sup>5</sup> V. p.ex. CHAUI 2002.

<sup>6</sup> BATESON 1987.

há em outro; ou que em um ponto existe mais Energia e em outro menos. Mas ao falarmos de diferentes pontos e direções *já estamos* falando de uma coisa que não é propriamente energia nem informação: estamos falando de **Espaço** –

... uma “coisa” provavelmente ainda mais misteriosa que Energia, tanto que ao longo da história as tentativas de defini-lo têm sido sempre polêmicas e inconclusivas.<sup>7</sup>

O potencial de divergência se evidencia já no fato de que posso dizer que *existem diferentes lugares no campo energético...* ou então que *o campo energético se estende por diferentes lugares*. Apesar de parecerem idênticas à primeira vista, a primeira formulação sugere que “diferentes lugares” sejam partes ou propriedades da própria Energia, enquanto a segunda sugere que se trate de uma entidade independente, sobre a qual a Energia poderia se estender ou não. Nesta segunda concepção poderíamos imaginar um lugar em que não houvesse absolutamente nenhuma Energia, sob nenhuma forma; na primeira isso simplesmente não faz sentido.

Parecemos estar, em última análise, diante de uma continuação das discussões gregas sobre o ser e o não-ser: “o não-ser é ou não é?”... Definitivamente não pretendo entrar agora por esses meandros, mas na verdade nem faria sentido prosseguir sem pelo menos uma hipótese de trabalho de como haver-se com estas questões. Proporei portanto *duas* formas de olhar: uma para cada uma das concepções mencionadas, porém pensadas de tal forma que não sejam efetivamente incompatíveis entre si.

Vale dizer: não tenho a menor pretensão de me haver com esse assunto em detalhes – para o que precisaria no mínimo dominar toda a física e a matemática do século XX –, mas penso que seja possível, sim, deixar apontado um rumo no qual suspeito que seja viável enfrentar a questão com proveito.

### 1.3.1. ESPAÇO COMO POTENCIAL DE DIFERENCIABILIDADE

Tomando inicialmente o partido de quem não concebe “Espaço” como algo fora da própria Energia, poderíamos atingir a simplicidade almejada pela radicalização total dessa mesma posição, passando a atribuir a palavra “Espaço” ao *conjunto de todas as dimensões que se possa vir a encontrar nas diferenciações da Energia*, o que talvez possa ser dito: o campo da *dimensionalidade* tomado por inteiro.

Ou, de modo mais simples mas talvez mais refinado: “Espaço” designaria o *campo total de diferenciabilidade da Energia* (o conjunto de possibilidades de diferenciação), “*diferenciabilidade*” que é ao mesmo tempo “*potencial de informabilidade*” – de modo que Espaço seria o conjunto dos diferentes modos e medidas em que Energia pode ser informada.

Usada nesse sentido, é indispensável notar que a palavra “Espaço” *já inclui* o tempo, e nos dispensa de dizer todas as vezes “o espaço-tempo” como no discurso relativístico. Não que isto divirja da concepção de Einstein: ao contrário, a assume como *default*, como ponto tão pacífico que já nem é preciso explicitá-lo.

(Porque então não usar a palavra “tempo” para o conjunto? Talvez porque no tempo encontremos uma problemática que não parece comum a todas as dimensões: a da irreversibilidade. Além disso, na linguagem comum falamos de “um espaço de tempo”, e nunca de “um tempo de espaço” – o que sugere que a idéia de espaço seja de fato mais abrangente: algo como “conjunto de dimensões” e/ou “dimensionalidade”, e não apenas “dimensão”).

### 1.3.2. ESPAÇO COMO CONTRAPARTE LUPASCIANA DA ENERGIA

A outra concepção, porém, não é tão facilmente descartável. A que acabamos de expor padece um tanto do abstracionismo matemático que torna boa parte da ciência contemporânea intragável ao nosso senso comum – uma voz que é sem dúvida muito limitada para que lhe concedamos a última palavra, mas que ainda assim

---

<sup>7</sup> Sobre a história das diferentes concepções de espaço e de universo, sugiro KOYRÉ 1979.

faremos bem em não deixar de ouvir, pois não é raro que suas críticas sejam de grande pertinência.

E suspeito que de fato repugne ao senso comum que um elemento tão presente no nosso cotidiano como é o Espaço – tão presente e *atuante*, embora de forma passiva – seja entendido como mero “potencial de diferenciabilidade da energia”, ou algo assim.

Na verdade costumamos sentir o Espaço não só como algo existente em si, como também *antagônico* à Energia: afinal, não ficamos esgotados depois de atravessarmos um grande Espaço?

Ainda aqui, porém, podemos encontrar uma forma de entender que *vincula* Energia e Espaço, sem lhes tirar certo grau de autonomia existencial: a dinâmica atualização-potencialização como proposta por Lupasco.<sup>8</sup>

Nessa forma de pensar, Energia e Espaço seriam como as duas pontas de uma gangorra: perpetuamente diferentes e perpetuamente interdependentes, formando uma unidade que não pode ser chamada com justiça pelo nome de nenhuma das partes – de modo que faríamos melhor falando de Energia-Espaço.<sup>9</sup>

Nesse caso, toda Energia poderia se potencializar em forma de Espaço, e todo Espaço se atualizar (ou realizar) na forma de Energia – o que de resto não me parece incoerente com a noção de “energia potencial”, presente já na Física clássica, pois pelo menos até onde sei tal estado potencial da Energia estaria sempre ligado a uma *posição espacial*.

O mais rico na forma de pensar de Lupasco é apontar para que os dois pólos de um tal par raramente aparecem em estado puro, e sim geralmente em diferentes graus de combinação – como todos os diferentes estados pelos quais uma gangorra passa entre as duas possibilidades extremas,

... o que equivale ainda a reconhecer que o mundo é feito principalmente de matizes, sendo os extremos “preto” e “branco” apenas casos especiais, geralmente pouco comuns, e não a regra.

### 1.3.3. O CHINÊS QUE SEMPRE ESPERA RINDO AO FINAL DA ESCALADA

Portanto: a primeira concepção nos apresenta o mundo físico como constituído de Energia e Informação, sendo o Espaço como que o campo de jogo entre elas, ao mesmo tempo em que *conseqüência* desse jogo: um campo que só existe quando e enquanto há jogo.

A segunda nos apresenta Energia e Espaço como pólos perpetuamente diferentes mas também perpetuamente interdependentes e perpetuamente em jogo – de tal modo que o verbo “existir” não pode se referir a outra coisa se não à coleção de variações... que já foi chamada acima de “corpo da Informação”.

Não me parece, então, que essas duas concepções sejam em última análise incompatíveis uma com a outra: temos sempre dois que são na verdade um, e uma terceira coisa que é o jogo entre esses dois. Nenhuma das partes existiria se a outra não existisse – de modo que temos uma unidade – porém nada existiria se essa unidade não existisse simultaneamente em duas formas diferentes, sendo todas as coisas variações no jogo entre essas duas formas –

... com o quê não estou na verdade dizendo novidade nenhuma, e sim repetindo mais uma vez a descrição taoísta da existência.<sup>10</sup>

---

<sup>8</sup> Ver mais uma vez NICOLESCU 2001.

<sup>9</sup> Ou como Edgar Morin viria a formular mais tarde, partindo de Lupasco: em uma relação *ao mesmo tempo* de antagonismo, concorrência e complementaridade (que é o que Morin chama “relação complexa”). Não darei aqui nenhuma referência bibliográfica pois essa idéia praticamente perpassa toda a obra de Morin desde os anos 60.

<sup>10</sup> V. p.ex. BLOISE 2000. – Não ignoro que essa concepção tenha estado presente também na tradição filosófica ocidental – porém sempre como corrente marginal, tida por polêmica, e de influência limitada, jamais chegando a gozar de uma aceitação tão ampla quanto a que o taoísmo chegou a gozar no

Muito menos estou dizendo, porém, que isso tudo sejam questões suficientemente resolvidas há milênios! Fosse assim, o trabalho de escrever um artigo sobre isso seria perfeitamente dispensável... e o artigo ainda mal começou...

### 1.3.4. DE COMO TRÊS CONTINUAM SENDO DOIS

Acho aceitável, portanto continuar dizendo que o mundo físico é constituído de Energia e de Informação – estando necessariamente implícita nessa duplicidade a existência também de Espaço, quer como contraparte inseparável da Energia (e assim de certa forma “pai” da Informação), quer como medida da existência da Informação (e assim de certa forma seu filho...)

Tão pouco esses dois elementos deixam de ser dois porque são três quanto duas pessoas deixam de ser duas pessoas quando estão envolvidas por amor.

## 2. NOVOS ELEMENTOS NO UNIVERSO HUMANO

Passando, porém, à observação de nós mesmos, seres humanos, podemos identificar em nós *diversas* coisas que não parece possível reduzir integralmente nem a Energia ou Energia-Espaço, nem a Informação – mas que podem ir sendo reduzidas umas às outras entre si, até que nos encontramos diante de dois mistérios: a **Intencionalidade ou Voluntariedade** e a **Consciência**.

E agora o mero uso dessas palavras nos obrigará a alguns parágrafos de esclarecimentos e ressalvas.

### 2.1. Vontade e Voluntariedade

Algumas vezes, à frente, cheguei a usar a palavra “Vontade” em relação ao mesmo campo que indiquei aqui com as palavras “Intencionalidade” e “Voluntariedade”. Não creio, porém, que sejam propriamente sinônimos: é como se todas essas palavras se referissem de modo parcial a algo que está por trás de todas, para o que não há porém uma palavra inequívoca.<sup>11</sup>

Obviamente “Voluntariedade” *deriva* de “vontade”, ou mais exatamente do latim *volūntas, voluntātis*,<sup>12</sup> derivado por sua vez do verbo *volo*, origem do italiano *voglio*, parente indo-europeu do alemão *wollen* e do inglês *will*.

Se traduzíssemos *volo* por “quero”, então *voluntas* seria “querença, quereção” – o que pode ser sinônimo de “desejo”, “apetite”, “aspiração” – e esse é de fato um dos sentidos em que costuma usar a palavra “vontade”: *estou com vontade de tomar sorvete*, ou *minha vontade era quebrar o pescoço daquele sujeito*.

O sentido a que nos referimos é outro (o que não significa que seja totalmente diverso ou isolado do já referido, nem necessariamente antagônico). Encontramos uma boa pista no fato de o inglês *will* ter passado a indicar o futuro (“eu *vou* fazer”, e não apenas “eu quero”): *volo* pode ir além de “eu desejo, eu quero”, e alcançar o nível de “eu escolho fazer”, e ainda mais: “eu me dirijo a fazer” –

... formulação que me parece a melhor, pois “me dirijo a” tanto tem o sentido convencional de “estou indo para lá”, quanto de “eu me levo a fazer”, “eu me faço fazer”, expressões em que compareço tanto como sujeito (“eu”) como quanto objeto direto (“me”).

---

Oriente, quer diretamente quer em formas híbridas como no Zen-Budismo – mesmo sem desconsiderar que na China tenha sido sempre uma espécie de esquerda frente ao confucionismo predominante.

<sup>11</sup> Uma idéia inicial da variedade e complexidade das abordagens a esse campo ao longo da história pode ser obtida em dicionários de filosofia, como p.ex. nos verbetes *Intención, Intencionalidad* e *Voluntad* em FERRATER MORA.

<sup>12</sup> Obviamente não havia acentos na escrita do latim – mas desde que não se aprende mais nada dele nas escolas, acho excelente a prática da língua espanhola, que é acentuar as palavras latinas pelas mesmas regras do espanhol. Na verdade vou um pouco além e acentuo até polissílabos paroxítonos, para evitar a tendência de pronunciar qualquer palavra latina como proparoxítona, donde a antiquíssima *formíca* andar virando *fórmica* ultimamente... Por outro lado, prefiro usar esse recurso só na primeira aparição da palavra no texto.

"Vontades", no sentido de "desejos", costumam brotar em mim por razões orgânicas, de bioquímica corporal; não há nada de errado nisso, apenas de *diferente* da Vontade/Voluntariedade a que me refiro: esta é capaz de acatar as primeiras ou não, de levar-me a buscar satisfazê-las, ou não. As duas coisas fazem parte de "eu" num sentido frouxo e difuso, que se mescla com o resto do mundo sem fronteiras claras ("não fui bem eu quem quis, eu estava junto e fui com eles – mas também não resisti").

A Vontade/Voluntariedade está *dentro* desse conjunto, pode estar ativa ou não ("... mas também não resisti"), pode saber ou não saber o que fazer (*não* estou falando de um "eu superior onisciente"), mas é um ponto ou foco nítido: é *esse ponto* que, em última análise (e geralmente só quando há alguma necessidade!) identificamos como "eu mesmo" ou "realmente eu".<sup>13</sup>

Creio que muito mal-entendido e complicação em Filosofia e em Psicologia poderiam ser evitados se passássemos a dizer "voluntariedade" em boa parte dos casos em que se tem dito "vontade"!

## 2.2. Coisas que *não* quero dizer com "Vontade"

É preciso dizer que não estou indo buscar essas idéias em algum sistema filosófico ou psicológico já existente, nem "aderindo a uma tendência" (e comprometendo-me assim com os pressupostos de, por exemplo, algum "voluntarismo" pré-formulado). Estou apenas buscando nomear coisas que se "vêm" quando se busca observar com atenção (e demoradamente!) o funcionamento do ser humano através do método introspectivo (o qual, longe de estar ultrapassado como alguns pensam, será sempre insubstituível por ser o único capaz de investigar a Consciência *por dentro*).<sup>14</sup>

Dentro disso acho importante destacar que a Vontade/Voluntariedade a que me refiro, embora eu já a tenha apontado como um elemento primário, irreduzível, *não* parece ser a mesma coisa para a qual Schopenhauer usa a palavra Vontade. (Infelizmente uma comparação entre esses dois usos, embora desejável e necessária, não cabe nesta primeira coleção de anotações).

Sobretudo, é fundamental deixar claro que *não* me alinho com nenhuma tentativa de igualar "Vontade" e "Energia" – pelo menos não o que os físicos chamam de Energia e o que eu chamo de Vontade. A Vontade/Voluntariedade de que falo faz uso da Energia, mas não é da sua mesma natureza. Não desconsidero a hipótese de que possa haver uma origem comum por trás das duas, mas, pelo menos no existente como o conhecemos, elas são componentes diferentes (ou no mínimo, no caso de haver tal elemento comum de fundo, são diferentes papéis, necessariamente contrastantes – como já dissemos da Energia e do Espaço na concepção de inspiração lupasciana).

Uma última observação prévia quanto à Vontade/Voluntariedade: obviamente não ignoro que muitos simplesmente neguem a existência de uma vontade própria ou livre no ser humano – e não discordo de que grande parte dos atos que julgamos livres seja na verdade totalmente determinada por fatores de que não nos damos conta. Ainda assim, se buscarmos com honestidade não deixaremos de encontrar fenômenos e situações que revelam escolha intencional ou voluntária. (Mas não é aqui, mais uma vez, que defenderei a tese: por enquanto me limito a expô-la).

---

<sup>13</sup> O uso da expressão "eu mesmo" não deve nos levar a pensar em "self" no sentido junguiano: de modo compreensível mas também não isento de problemas, Jung escolheu a palavra *self* para a *totalidade* do indivíduo humano, o conjunto de consciente e inconsciente, conhecido e desconhecido. Em termos junguianos, estou falando mesmo de Eu, não de self. Isso ficará mais claro adiante.

<sup>14</sup> Sobre o uso da introspecção como método pelo gigante intelectual, insuficientemente conhecido entre nós, que foi William James, e sobre sua reabilitação pelas ciências cognitivas atuais, ver CAPRA 2002.

### 2.3. Distinguindo Consciência de conteúdos

Quanto à palavra "Consciência", é fundamental entender que não estou falando de nenhum *conteúdo* da consciência, mas da Consciência-ela-mesma, a-que-contém, e não os conteúdos.

E proporei aqui uma coisa que pode parecer estranha: que a Consciência tem o potencial de tomar conhecimento de conteúdos, *mas apenas pontualmente*; que nunca tem em si mais que um conteúdo (ou um certo *quantum* de conteúdo) de cada vez, mas faz para si um quadro do mundo na forma de uma varredura contínua, de modo algo análogo à formação das imagens numa tela de televisão: pelo correr contínuo e velocíssimo de um único ponto.<sup>15</sup>

### 2.4. IC

Mas a principal proposição deste trecho (e quem sabe de todo o artigo) é: **Intencionalidade e Consciência são nomes para aspectos e/ou ações ligeiramente diferentes de apenas uma coisa.**

Afinal, quando dizemos "ele agiu sem consciência" não estamos querendo dizer que foi *sem intencionalidade* no sentido de que a ação tivesse as conseqüências que acabou tendo? Só faz sentido falar de "intenção" onde há Consciência. Talvez possamos mesmo dizer que intenção é uma atitude da Consciência (embora *também* seja possível produzir definições no sentido inverso).

Enfim: este capítulo começou com a afirmação de que vemos no ser humano *diversas* coisas que não se reduzem meramente a Energia ou Informação, e terminará com a sugestão de que essas diversas coisas são apenas diferentes formas de interação *de uma só coisa* com a Energia e a Informação – um terceiro elemento primário ao qual proponho nos referirmos, pelo menos por enquanto, segundo suas características principais, como **Intencionalidade-Consciência** (abreviadamente **IC**, pelo muito que teremos que nos referir a ela daqui em diante).

### 2.5. Sendo três mais uma vez

Resumindo até aqui: ao que parece, tudo o que nós conhecemos, inclusive nós mesmos, pode ser reduzido a *estas* três "substâncias" fundamentais: **Energia, Informação e Intencionalidade-Consciência.**

## 3. CONSCIÊNCIA E REALIDADE, INTENCIONALIDADE E ACASO

É evidente que o conhecimento da Intencionalidade-Consciência não pode ser novo, na história da reflexão humana; se há algo de novo é a tentativa de nomeá-la assim, tentando identificá-la apenas por suas características ativas, deixando de lado outros nomes que já possam ter sido usados – justamente para não trazer com eles a bagagem de reflexões anteriores e/ou de preconceitos que se lhes tenha agregado no correr da história.

E sendo as coisas como são, é evidente que desde que a humanidade é humanidade deve estar presente a questão de se esse elemento Intencionalidade-Consciência (mesmo que sob outros nomes) é mesmo exclusivo da humanidade, ou se pode ser encontrado em outras partes do existente como os dois outros elementos – e, caso sim, como.

Essa questão, que já se apresenta mal nos pomos a caminho, permanecerá conosco pelo caminho inteiro... como um horizonte – mas é só no terço final do artigo que será possível lidar com ela mais diretamente (e ainda assim, é bom advertir desde já, de modo nem um pouco conclusivo! Aliás, se minha pretensão fosse apre-

---

<sup>15</sup> Pelo menos foi assim de início... Já não acompanhei as complexidades que se acrescentaram com a introdução da cor na tevê – muito menos, então, as tecnologias mais recentes...

sentar alguma *conclusão* sobre isso, estaria de uma vez firmando meu próprio atestado de charlatanismo).

### 3.1. O psíquico e o real

O primeiro grande problema de colocar a Intencionalidade-Consciência como um dos elementos fundamentais da realidade é que com essas palavras estamos nos referindo a dados do mundo *psíquico*,

... contra o qual parece existir o preconceito de que seja de algum modo *menos real* – como se vê no tão comum julgamento “você não tem nada, isso é *apenas* psicológico”...

Com um pouco de análise tal preconceito se mostra na verdade tão absurdo, que é espantoso que marque em tal medida as concepções de mundo justamente de tantos dos que se julgam “científicos”, suposta vanguarda esclarecida dos nossos tempos.

Com que base empírica se poderia dizer, afinal, que o mundo psíquico seja um mundo à parte, sem comunicação com o mundo físico, ou então que seja uma abstração?

Afinal, o tempo todo vemos Intencionalidade-Consciência atuando sobre Energia, introduzindo diferenciações e/ou modulando-as – isto é, *informando Energia*, quer Energia em estado relativamente livre, quer blocos de Energia já altamente informados, como, por exemplo, pedaços de matéria.

É disso, afinal, que consistem todas as coisas feitas pelos seres humanos: quando alguém faz uma cadeira, temos uma Intencionalidade-Consciência sobre-informando uma quantidade de Energia já altamente informada e sobre-informada, que é a madeira.

Mas também eu, ao escrever este texto, sou uma Intencionalidade-Consciência informando Energia num sistema nervoso, e a partir dele num sistema muscular, e partir dele num sistema mecânico (teclado) e eletrônico que é o computador diante de mim.

### 3.2. Da ação ao seu sujeito

Acontece que, no momento em que firmo diante de mim imagens como a dos exemplos que acabo de dar, a Informação, que no começo parecia uma substância em si, de status ontológico tão ou mais elevado que o da energia, parece ficar pequena à sombra da Intencionalidade-Consciência; começa a parecer não mais que a interface de interação entre Intencionalidade-Consciência e Energia.

Disse em 1.2 que a Doutrina das Idéias, de Platão, se refere ou pelo menos tentou se referir à “substância” Informação –

... e disse também que Descartes parece ter enxergado ainda um pouco mais além: pelo menos em sua forma mais pura, a idéia de *Res Cogitans* (“coisa pensante”, “coisa-que-pensa”) não pode se referir aos pensamentos ou idéias (“o pensado”), nem a “o pensar” – que é verbo, ato, movimento – mas apenas *ao sujeito que realiza esse ato ou movimento*. Ou seja: à Intencionalidade-Consciência.

Em contraste, é forte a minha impressão de que em Platão (assim como em Rudolf Steiner na virada dos séculos XIX-XX) há uma recorrente confusão entre as idéias (ou o pensar) e seus sujeitos, entre a informação e o agente informador.<sup>16</sup> (Voltaremos a isto adiante).

---

<sup>16</sup> Creio que faríamos bem, a propósito, em desconfiar de toda e qualquer substantivação de adjetivos (“o belo, o bom, o justo”) e de verbos (“o pensar”, ou, justamente é sobretudo, “o ser” no sentido tradicional da ontologia), pois se trata de um rápido e seguro caminho para a *hipóstase* – a atribuição de substancialidade ao que não o tem, sendo apenas um processo ou característica de outra coisa. Meramente ao retirarmos o artigo definido da pergunta “o que é o ser?”, mudando-a em “o que é ser?”, já a arrancamos do campo da filosofice estéril para o do rústico porém neste caso mais saudável e mais sábio bom-senso – o irmão do senso comum que, até onde sei, só as línguas portuguesa e italiana têm o bom senso de distinguir... (Devo a informação sobre o italiano ao Prof. Moacir Gadotti).

### 3.3. O concorrente da Intencionalidade

Disse pouco acima (3.1) que vemos o tempo todo a Intencionalidade-Consciência introduzindo diferenciações na Energia – mas também temos fartas mostras de que não é só a Intencionalidade-Consciência que pode fazer surgir diferenciações: essas também podem surgir por **acaso**:

... justamente por o campo da Energia Diferenciada ser imensamente complexo, há uma infinidade de modos diferentes pelos quais cada diferenciação pode seguir se diferenciando no tempo, ou não, sobretudo pela interação com as demais,

... sendo tantas as variáveis que isso se torna matematicamente imprevisível (Teoria do Caos).<sup>17</sup>

### 3.4. Intencionalidade, acaso e entropia

**A Energia pode, então, ser diferenciada quer pela Intencionalidade-Consciência, quer pelo acaso, quer por uma combinação dos dois.**

Existe então ainda mais um elemento chamado Acaso?

Creio que não seria lógico entendê-lo assim: *acaso é apenas o nome da ausência de Intencionalidade-Consciência.*

Ausência simplesmente porque não há, ou talvez porque a Intencionalidade-Consciência tenha deixado *intencionalmente* de atuar: afinal, poder fazê-lo é a sua própria natureza!

Quando a Intencionalidade-Consciência deixa de atuar sobre um campo, as diferenciações que já havia introduzido nele continuam se diferenciando – e isso menos pela atividade da Energia segundo seu próprio modo-de-ser que pela continuidade e interação das diferenciações introduzidas anteriormente.

Pois por tudo o que se conhece, deixadas ao modo-de-ser próprio da Energia e ao acaso (ausência de Intencionalidade-Consciência) as diferenciações tendem a ir se fragmentado cada vez mais até restar apenas Energia indiferenciada, processo que se chama **entropia**.<sup>18</sup>

### 3.5. Não existe porém oscila

Se de fato não houver Intencionalidade-Consciência a não ser na *antroposfera* (isto é, nos seres humanos e no conjunto de suas atuações), fica portanto a questão de como vieram a existir as diferenciações já existentes antes do surgimento do ser humano – inclusive aquelas que levaram a esse surgimento.

Crê-se hoje que alguma oscilação probabilística casual tenha desencadeado uma espécie de efeito cascata, dando origem não só a diferenciações no campo de Energia mas, ainda mais fundamentalmente, à própria Energia (que já teria, assim, nascido com princípios de diferenciação em si) – e ainda (segundo concepções construídas em pura matemática), dando origem ao próprio espaço e ao próprio tempo.<sup>19</sup>

---

<sup>17</sup> Sobre isso sugiro sempre STEWART 1991.

<sup>18</sup> É necessário observar que um dos teorizadores clássicos da informação e da comunicação, W. WEAVER, fez por volta de 1950 um uso totalmente equivocado da palavra "entropia" (ver artigo seu em COHN 1971, II, 1) – e ainda há gente papagaiando coisas no sentido de Informação ser "a quantidade de entropia de um sistema", ou de entropia significar "riqueza em informação". No uso que os físicos faziam dessa palavra já por um século antes de Weaver, entropia se refere, pelo contrário, justamente ao processo de *perda* de informação e, no limite, ao de sua ausência total. Infelizmente os próprios físicos continuam usando as palavras "ordem" e "desordem" para falar de entropia, o que só pode mesmo favorecer equívocos; essas palavras em si não querem dizer nada, são mais um julgamento *político* do que uma descrição de fatos físicos. O que nos autoriza a dizer que um sistema em estado de morte entrópica – ou seja, onde já não existam diferenciações – está em "desordem"? Faria mais sentido dizer que finalmente se chegou aí à ordem total! "Diferenciação" e "ausência de diferenciação" descrevem *fatos*; "ordem" e "desordem" não.

<sup>19</sup> V. p.ex. GRIBBIN 198?.

Evidentemente já nem temos como perguntar, nesse ponto, *o quê* teria oscilado – mas ainda assim não direi que essa concepção é absurda: neste nível simplesmente não haverá *nenhuma* concepção que não pareça beirar o absurdo, pois estamos muito longe do modo-de-existência que conhecemos da nossa experiência cotidiana.

Apenas me parece estranho que se busque hoje considerar a hipótese da oscilação-do-nada *tão mais provável* que a de que exista Intencionalidade-Consciência complexa fora do ser humano, a ponto de ser esta última a hipótese que é descartada como absurda na quase totalidade do pensamento atual!

### **3.6. O que sentimos que somos**

Com isto nossos olhos esbarraram mais uma vez na questão-horizonte enunciada no início do presente capítulo (3) – e creio que é hora de dedicarmos a ela alguns primeiros parágrafos.

Há fortes razões, afinal, para que nós seres humanos sempre tenhamos tentado encontrar sinais da presença de IC fora da corporalidade em que nos conhecemos:

... é evidente, antes de mais nada, que a IC tem poderes incríveis: foi com ela que nos fizemos como que concorrentes da natureza por todo o espaço que já alcançamos – e nem sempre com maus resultados.

Mas, apesar disso, também os *limites* humanos são tão evidentes! – sobretudo os limites da IC individualizada num corpo humano que é não só pequeno, mas sobretudo mortal.

E justamente essa coisa tão poderosa e ao mesmo tempo tão perecível – a Intencionalidade-Consciência individualizada – é a única, entre todas as coisas do universo, que *nós sentimos que somos*.

Antes que o conjunto consciente-inconsciente na nossa psique (e apesar do fato de o inconsciente ser muito mais vasto que o consciente),

... muito antes que o conjunto da nossa corporalidade – que me perdoe o Sr. Merleau-Ponty –,

... é a nossa Intencionalidade-Consciência o que sentimos que somos –

... justamente porque é *de onde sentimos*: sentimos nossos corpos com nossa consciência, e *não* vice-versa.

Um corpo pode existir sem estar consciente, uma consciência não. Ela (consciência) sabe de si, e sabe também do corpo.

Mas com isso sabe também que o corpo pode existir sem ela – sem dúvida uma existência rebaixada, mas ainda assim existência – porém via-de-regra não conhece a si mesma senão nesse corpo que – ela sabe – não só pode existir sem ela como também pode ele mesmo deixar de existir.

Fala-se, é verdade, de possíveis exceções a essa regra (isto é, de casos de uma consciência perceber-se sem corpo), mas não é difícil contestar que tais casos sejam de fato o que parecem – e a consciência sabe disso, mesmo que não queira confessar.

Apesar disso tudo, sentimos que o que nos faz ser o que somos é justamente a Intencionalidade-Consciência: como acabamos de dizer, *vemos* que sem ela uma corporalidade humana está como que rebaixada, como que *desumanizada*.

### **3.7. ... e a ânsia de nos reconhecermos além dos limites desta corporalidade**

Não é de estranhar, então, que desejemos ver a Intencionalidade-Consciência como ponto de partida do surgimento de tudo mais, e não vice-versa –

... e se possível não apenas do “tudo mais” em nós mesmos, mas também do “tudo mais” *no mundo*.

Pois, que EU e todos os meus sonhos e intenções sejamos um acaso altamente improvável num universo que, apesar de toda sua fantástica complexidade e (digamos assim) eficiência, não contém em si nada de parecido com a minha consciência – ... e que será, portanto, totalmente indiferente à existência ou não desta consciência, à sua permanência ou desaparecimento –

... essa realmente não é uma concepção fácil de carregar.

É compreensível, portanto, que nossas Intencionalidades-Consciências prefiram apostar em concepções que sugerem que o universo nos é empático, que ele e nós somos irmãos (isto é, da mesma substância) não apenas em nossa corporalidade material-energética (como é evidente que somos), mas também em nossa natureza psíquica.

E, ainda mais precisamente: em concepções que sugerem que isto-que-sentimos-que-somos pode subsistir independente da corporalidade humana em que a/nos conhecemos, cujos limites nos são contundentemente evidentes (*vemos* a morte dos que queremos bem... e aí não os vemos mais).

Se quisermos, porém, ir mais fundo com algum proveito na questão-horizonte (isto é, a presença ou não de IC fora da corporalidade humana em que a/nos conhecemos), precisamos antes observá-la um pouco mais em ação *dentro* dessa corporalidade humana, que foi onde a/nos reconhecemos.<sup>20</sup>

## 4. ESPECULANDO SOBRE A EMERGÊNCIA E A DINÂMICA DA IC EM NÓS

É possível tentar enfrentar a tarefa requerida por muitas abordagens diferentes, cada uma delas oferecendo trabalho suficiente para uma vida caso perseguida em profundidade. O que vou fazer a seguir é apenas registrar algumas pistas possíveis dentro de algumas dessas abordagens, sem preocupação de que haja seqüência lógica e nem ao menos compatibilidade entre elas.

### 4.1. O surgimento da Consciência no confronto com o mundo

Ao que parece não foram poucos os pensadores que falaram do papel do confronto com o mundo no nascimento da Consciência – de psicanalistas como Winnicott ao misto de filósofo idealista e ocultista que foi Rudolf Steiner:

... aquilo que não é parte de mim oferece resistência aos meus movimentos, e seria essa resistência o que acende em mim a percepção de que há algo diferente de mim e, em segundo lugar, que há algo *diferente daquilo que é diferente de mim*: eu mesmo.

Em outras palavras: em lugar de apenas ser, começo a perceber que sou porque algo me oferece resistência – do mesmo modo como, por exemplo, só sentimos com clareza o nosso braço quando o encostamos na parede, ou quando algo nele dói.

Além disso, o processo se iniciaria com um movimento em direção ao mundo, e, uma vez refletido de volta pelo mundo, o movimento se confrontaria de volta com seu próprio emissor (talvez como um radar cujas ondas refletidas por um muro viessem a ser não apenas captadas pelo aparelho, mas também parcialmente refletidas por ele de volta para o muro, levando-o em seguida a captar uma imagem de mundo mais complexa pois inclui como que a sua própria sombra no mundo).

Nesse sentido quero transcrever aqui algumas linhas de um texto produzido em agosto de 2007 de modo predominantemente intuitivo (em um só fluxo, naquele estado de estranha hiper-lucidez em que às vezes nos encontramos ao acordar e

---

<sup>20</sup> Neste momento faz falta no português um verbo cognato de conhecer que se refira inequivocamente ao momento da percepção-discernimento-identificação *inicial* de algo, como o alemão *erkennen* é em relação a *kennen* (conhecer) – pois o nosso reconhecer pode se referir tanto a tal momento original quanto a um re-conhecer posterior. Esta limitação coincide ainda, neste parágrafo, com a infeliz coincidência de forma entre o presente e o passado perfeito na 1.ª pessoa do plural: “conhecemos” está aqui no presente, “reconhecemos” no passado (analogamente a “em que a conheço ... onde a [re]conheci”).

antes de pronunciar qualquer palavra), o qual considero de certa forma precursor deste artigo:

**O que sou:** sou um perceber capaz de optar. **Erkennender Wille.** A vontade ou *capacidade de opção* não é "eu" senão quando e enquanto percebe (a si e ao demais).

Sou a borda entre uma vontade e as demais vontades do universo, uma borda percebente. De certa forma vivo na periferia de mim (do complexo total que me sustenta, que capacita que Eu exista): talvez seja um engano pensar que Eu seja o centro *de mim*: sou mais é um centro, ou um *ponto relacional*, entre meu ser relativamente individualizado (individualizado pelo atrelamento a um corpo?) e o mundo total (inclusive o das idéias).<sup>21</sup>

#### 4.2. Uma abordagem lupasciana à unidade Intencionalidade-Consciência

Não quero atribuir ao texto transcrito acima nenhum caráter revelatório (no sentido teológico), mas é interessante o quanto ele se mostra surpreendente e instigante a mim mesmo, cada vez que o revejo. Entre outras coisas, aponta-se nele o caráter duplo daquilo que estou chamando agora de Intencionalidade-Consciência – mas ao mesmo tempo se aponta que essa duplicidade gera no meio de si uma unidade que é provavelmente a única coisa a que posso justificadamente atribuir a palavra "eu".

Para quem tenha um pouco de conhecimento da lógica do terceiro incluído e da dinâmica de atualização e potencialização como concebidas por Lupasco, é irresistível imaginar aqui uma dinâmica polar entre Vontade e Consciência, na qual:

- (1) Seriam possíveis, porém raros, os estados de pura Vontade (sem Consciência) e o de pura Consciência (sem Vontade) – sendo ainda um exercício interessante imaginar como seriam tais estados; o normal seria um estado em que esses dois elementos entram em medida cambiante, nunca fixa, porém sempre combinados;
- (2) "Eu" seria um fenômeno resultante da intersecção entre Vontade e Consciência; não existiria senão na condição de simultaneidade das duas;
- (3) o Eu seria o Terceiro Incluído entre Vontade e Consciência – e o Terceiro Incluído se encontra sempre como em um nível de realidade superior ao dos dois pólos que une (poderíamos também dizer que é de uma *ordem lógica* superior); coloca-se em uma relação circular com o plano em que aparece como polaridade, de modo que "anterior" e "posterior" coincidem – ou seja: pode ser entendido simultaneamente como resultado e como causa do processo; é o incluído e o inclusor.

O que significa, neste caso específico: o Eu poderia ser entendido tanto como *resultado* da interação entre Vontade e Consciência, quanto como *a fonte* desses dois fenômenos –

... o que equivale a afirmar que jamais existiria Consciência se não existisse Vontade, e jamais existiria Vontade se não existisse Consciência. Os casos em que aparentemente apenas uma delas estiver presente serão estados de atualização total de um pólo com potencialização total do outro: num estado de pura Consciência estará contida sempre a possibilidade de que parte dela se converta em Vontade a qualquer momento (e vice-versa); e essa possibilidade jamais deixará de existir – a menos que no mesmo ato também deixe de existir toda Consciência e toda possibilidade de Consciência.

---

<sup>21</sup> A íntegra desse texto, com pequenos retoques, se encontra como apêndice no final deste artigo. A expressão alemã se traduz aproximadamente por "vontade que reconhece/percebe/discerne"; foi irresistível valer-se aqui do verbo *erkennen*, no meu ver um dos poucos pontos em que a língua alemã faz jus à sua fama de ser especialmente apropriada à filosofia.

### 4.3. O caráter pontual do Eu e a manutenção da identidade

Já se sugeriu aqui (em 2.3) o caráter pontual da Consciência (ou caráter de *foco*). Pode-se provavelmente pensar o mesmo do Eu (ou seja, do complexo Intencionalidade-Consciência).

Sendo pontual, existe só no momento – ou, em outras palavras, só está em um ponto e um momento de cada vez. Sendo assim, como poderia ser o portador da identidade, que depende de memória?

Poderíamos talvez dizer que a ação de um Eu liga elementos diversos de modo único, vindo a constituir com eles um domínio individual; assim, esses elementos passam a representar uma identidade por estarem ligados por aquele Eu – mas, sem valer-se desses elementos, esse mesmo Eu nem saberia quem é (isto é, nem teria uma identidade individual diferenciada, mas apenas uma certa sensação-de-ser, como a da criança pequena).

É como se “identidade” fosse, mais uma vez, resultado de uma interação. Não serei rei se não tiver um reino; mas igualmente as coisas que constituem um reino não o serão se não houver um rei.

É importante notar que os elementos ou objetos com que o Eu constitui seu reino são tanto de caráter puramente psíquico (memórias) quanto elementos físicos, começando pelos da sua própria corporalidade e prosseguindo pelos objetos externos que fazem parte do seu mundo usual, e que ele carrega de sentidos pessoais (transformando-os em símbolos) – do quadro que escolhemos para colocar na parede (ou da parede que em vez disso deixamos nua) a algum portão ou janela em que costumamos reparar no caminho do trabalho, etc. etc.

É óbvio que também isto já vem sendo comentado por vários autores. Diz Hannah Arendt:

As coisas do mundo têm a tarefa de estabilizar a vida humana, e sua ‘objetividade’ se encontra em que oferecem, frente às dilacerantes mudanças da vida natural, uma mesmice humana, uma identidade que deriva do fato de que a mesma cadeira e a mesma mesa confrontam, com permanente e igual confiabilidade, o ser humano mudado de cada dia. Em outras palavras, o que confronta a subjetividade do ser humano ... é a objetividade, a ‘objetividade’ do mundo por ele mesmo produzido.<sup>22</sup>

Neste contexto se torna bastante interessante mencionar – creia-se nisso ou não – a declaração de Rudolf Steiner de que assim como, na vida terrestre, a consciência é deflagrada no espírito humano pelo confronto com o mundo exterior, seria deflagrada na existência pós-morte pela contemplação do momento da morte como “visto pelo lado de lá” (isto é, como um nascimento) – momento esse que conteria condensadas em si todas as imagens da vida que ali se concluiu, e que se converteria em um ponto estável, espécie de endereço de cada ser humano nos mundos espirituais.<sup>23</sup>

### 4.4. Uma possível concepção (bio e psico) genética: a IC como emergente

Antes de mais nada, se a IC não pré-existia ao ser humano, então ela terá surgido – emergido de processos onde não estava contida – no correr da evolução.

E, similarmente, na história de cada indivíduo humano, a IC emergirá em algum ponto como resultado de processos coletivos herdados com o corpo, juntamente com processos da experiência individual.

---

<sup>22</sup> Hannah Arendt, *apud* SUHRBIER 1998, Introdução (grifo meu). Infelizmente o material de que disponho no momento (um capítulo isolado que traduzi para a amiga Mona Birgit Suhrbier, do Museu de Etnologia de Frankfurt) não contém a referência da fonte original. Nesse mesmo artigo, a autora cita ainda: “o objeto deve a forma em que aparece às energias psíquicas de seu produtor investidas nele” (Csikszentmihalyi e Rochberg-Halton, *Der Sinn der Dinge, ibidem*).

<sup>23</sup> STEINER 2005 (GA 168), III.

É bastante comum, porém, termos a impressão de que, no desenvolvimento de cada ser humano, as coisas convergem no sentido não de gerar algo que não existia antes, e sim de *dar expressão* a uma Intencionalidade-Consciência que, pelo menos em parte, pré-existiria à sua própria manifestação. Ou seja: temos a impressão de que um ser humano em desenvolvimento vai em parte se formando, em parte se *revelando* diante de nós.

Pessoalmente, não descarto este segundo tipo de hipótese – mas tampouco as do primeiro tipo, que os adeptos do segundo provavelmente chamariam de “materialistas”. Nada melhor que “vestir” hipóteses como quem prova roupas – e quem acha esta opinião leviana é que provavelmente super-estima o impacto de suas próprias opiniões no universo...

Enfim: à hipótese da pré-existência, a visão científica de hoje provavelmente responderá que tal indivíduo em desenvolvimento está apenas realizando um potencial recebido através do jogo combinatório da herança biológica –

... com o que se poderia então dizer, logicamente, que em cada concepção e gestação humana surge não um sujeito, e sim *a possibilidade* de um determinado sujeito –

... possibilidade que pode depois se desenvolver de modo típico, ou aquém, ou mesmo *além* do seu potencial típico, conforme (entre outros fatores) receber uma “alimentação” regular, uma insuficiente ou uma superalimentação, quer no sentido material-energético quer no informacional.

Tal concepção não exclui que cada sujeito seja único, pois as linhas de determinação que nele se cruzam, não se cruzam do mesmo modo em nenhum outro ponto do universo –

... tanto as pré-concepção (p.ex. os determinantes sociais e ambientais que atuaram sobre os genitores e seus ancestrais) quanto as pós-concepção-pré-parto (condições durante a gestação) e as pós-parto (com excessiva frequência as únicas a que damos atenção).

#### **4.4.1. UM NEO-DETERMINISMO COMPLEXO**

Não é sem importância notar que o exemplo de concepção que acabamos de expor tem algo em comum com as concepções probabilísticas da realidade física (como a concepção quântica): uma superação do determinismo clássico tacanho não por um desvio para a irracionalidade e sim por um *aperfeiçoamento* da racionalidade: não seria errado caracterizá-lo como um *determinismo complexo* –

... que nem deixa de envolver determinação, nem deixa de ser – sempre de modo relativo mas não em pequena medida – imprevisível ou aberto quanto aos resultados.

#### **4.4.2. SOBRE O CONVÍVIO COM CONCEPÇÕES INCOMPATÍVEIS**

O reconhecimento da riqueza e beleza desse tipo de pensamento não equivale, porém, a uma opção exclusiva por ele: prefiro sempre o convívio aberto com todos os tipos de concepções, fazendo opções apenas para fins específicos – como hipóteses de trabalho privilegiadas, porém sempre em caráter provisório.

Com isso, sem dúvida muitas concepções míticas “absurdas” terminam tomando parte desse convívio de concepções, garantido apenas que jamais busquem calar qualquer uma das outras também convidadas à festa. É provável que com isso alguns mais ciosos de sua “seriedade científica” considerem que o ambiente está abaixo do seu nível...

... mas, venhamos e convenhamos: quem se permite propor que o universo seja uma oscilação casual do vácuo (como vimos em 3.5) terá o direito de reclamar da presença dos titãs ou de espíritos que flutuam sobre águas?

Admito perfeitamente, enfim, que muito do pensamento evolucionista recente me parece não apenas convincente como também belo e fecundo – mas não pretendo tirar jamais de atrás da minha orelha aquela pulga que faz coçar a cabeça cada vez

que se afirma que a negação do acaso, que é a Intencionalidade, tenha surgido por acaso.

#### 4.5. A IC e o desenvolvimento cerebral em relação circular

Quer a Intencionalidade-Consciência preceda a corporalidade, quer tenha emergido desta, no mínimo o convívio e co-evolução dos dois já são tão longos que podemos afirmar sem chance de erro que o corpo humano não seria o que é hoje sem a presença da IC – e que portanto é, pelo menos em parte, *resultado* de ações intencionais e conscientes.

Não duvido de que muitos desenvolvimentos na história dos seres vivos tenham sido casuais – mas mesmo no campo evolucionista mais ortodoxo poucos se aventurariam a dizer que o grande desenvolvimento do córtex cerebral no ser humano foi casual, e que esse acaso possibilitou o desenvolvimento da nossa forma de consciência. Pelo contrário: assim como podemos literalmente *ver* na estrutura da planta os movimentos da água enriquecida que, ao tentar subir e descer foi depositando materiais e fixando os caminhos que fez, assim também nosso córtex cerebral parece ser sobretudo a *conseqüência* das tentativas, esforços e realizações da Intencionalidade-Consciência.

Isto não equivale a dizer, de modo simplista, que *todo* o cérebro “é pensamento materializado” – mas corresponde sim a admitir que ele o é pelo menos em parte.

Por outro lado, porém, é preciso admitir que os pensamentos que somos capazes de pensar hoje não seriam possíveis sem a construção de cérebro realizada por pensamentos um pouco anteriores –

... do mesmo modo como, em cada ponto da abertura de uma picada no mato, estamos abrindo o espaço que ocuparemos logo a seguir, para a partir dele poderemos atingir e abrir um espaço ainda mais adiante.

Por essa razão falei em co-evolução.

##### 4.5.1. SOBRE A IC E O PENSAR: UMA PRIMEIRA ADVERTÊNCIA

Talvez os parágrafos acima possam causar a impressão enganosa de que considero Intencionalidade-Consciência e Pensar uma coisa só. Definitivamente não: pensar são *atos* de uma Intencionalidade-Consciência, e atos de um certo tipo, entre muitos outros possíveis. Pensar resume tão pouco o que é a IC quanto meu caminhar me resume: é certo que caminho, mas também faço muitas outras coisas além desse caminhar. (Veremos mais sobre isso logo adiante).

#### 4.6. O reino que a IC habita

Sem jamais esquecermos que Matéria é Energia informada de um certo modo entre outros possíveis, esse modo é peculiar o bastante (sobretudo por sua não desprezível estabilidade) para que, por razões práticas, tratemos das duas como entidades separadas no trecho a seguir: “a Matéria” e “a Energia”. Isso significa obviamente que, quando usarmos a palavra Energia sem maiores qualificativos, estaremos falando da Energia “livre”, não “aprisionada” ou estruturada em forma de Matéria.

Levando isso em conta, podemos falar de cada um de nós como um conjunto constituído por UM CAMPO DE MATÉRIA e UM CAMPO DE ENERGIA – ambos complexos em si (isto é: altamente INFORMADOS) e complexamente entretrecidos entre si –, polarizados em torno de uma Intencionalidade-Consciência –

... a qual pode tanto *informar esse campo*, quando *deixar que ele seja informado* por diferentes modalidades de Informação que lhe chegam de fora, casual ou intencionalmente.

Estou falando do quê, aqui? Evidentemente *do corpo*... mas não só: a conceituação foi geral o suficiente para abarcar de uma vez o Corpo e o Psiquismo.

Não se caia, porém, na tentação simplificadora de imaginar que estes dois termos correspondam ao “campo de Matéria” e ao “campo de Energia” mencionados logo acima:

#### 4.6.1. CORPO

A substância do que chamamos Corpo é a mesma Matéria-e-Energia do restante do mundo, a qual se movimenta constantemente pelo espaço, embora não de modo homogêneo, e sim numa enorme variedade de formas de diferentes velocidades; elementos que se encontram e se perdem de novo uns dos outros, sem cessar.

Como uma cachoeira, que a cada momento é constituída por outra água, o Corpo é por assim dizer *um local* por onde passa um fluxo, e que confere a esse fluxo uma determinada forma: o fluxo de Matéria-e-Energia só é “corpo” quando e enquanto está sendo sobredeterminado por um certo tipo de estrutura de Informação.

E o tipo de estrutura informacional que encontramos nos corpos vivos é ao mesmo tempo bastante estável, e complexo o suficiente para permitir considerável flexibilidade e variabilidade, sem perda de identidade: pense-se na forma característica de cada diferente cachoeira, que permanece reconhecível sem deixar de ser variável dentro de certos limites. Apenas que a forma de cada cachoeira é um acidente característico de um determinado local, e a forma de um corpo vivo existe autonomamente e se desloca por aí, impondo-se à Matéria-e-Energia dos mais diversos locais... Uma palavra que cabe bem para isso (sem que o esgote, como nenhuma palavra esgota nada e não deve portanto ser vista como definição suficiente nem imutável) é “organização”.<sup>24</sup>

#### 4.6.2. PSIQUISMO

No Psiquismo também encontramos estruturas e encontramos fluxo – porém os dois são constituídos fundamental e determinantemente de Informação. Poderíamos pensar aqui num sistema em que circula água com alguns blocos de gelo flutuantes, mas que é ele mesmo construído em gelo – que é água informada de modo mais estável.

Para as “peças de gelo” – quer dizer, as formações informacionais mais estáveis – cabe bastante bem a palavra alemã *Gestalt(en)* – tanto para as acidentais quanto para as que são encontradas regularmente e desempenham papéis previsíveis.<sup>25</sup>

Ou seja: *deixando de lado por enquanto a IC*, no Psiquismo não há diferença de substância entre as estruturas mais estáveis e os conteúdos que se encontram em estado mais fluido, e portanto, embora isso nem sempre ocorra com facilidade, sempre existe a possibilidade de que um se converta no outro.

Mas mesmo sem chegar a tanto, o mero fato de a Informação ser uma “substância” extremamente ativa faz com que seja inevitável e constante a interação entre as Informações que se encontram em estado fluido, bem como alguma medida de interação entre fluxo e estruturas.

---

<sup>24</sup> Não estou dizendo estas coisas com a intenção de “reviver idéias platônicas”, ou algo assim: pelo menos até este ponto, *trata-se de uma mera descrição*, tão objetiva quanto é possível que alguma descrição seja objetiva, e não de uma interpretação. Se Platão viu mais ou menos o mesmo, ótimo – mas isso não deve fazer a menor diferença sobre o que nós vemos ou não vemos quando olhamos. Admito que não existe olhar totalmente isento de teorias, mas existe sim um grau de isenção suficiente para não interferir na percepção de fatos inequívocos (como descrever que, *nas condições usuais da vida humana*, toda pedra vai na direção do chão e não na do céu ao ser solta da mão. Isso é um “o quê” inequívoco – tanto que qualquer cachorro saberia que deve fugir de tal pedra; diante desse nível de “fatos elementares” os óculos da teoria só começariam a fazer diferença ao falar do *como*, e sobretudo do *por quê*).

<sup>25</sup> O plural alemão de *Gestalt* é *Gestalten*. Seria melhor aportuguesar esse plural? Talvez sim... mas faria sentido fazê-lo sem aportuguesar a grafia? Podemos talvez pensar em usar “gestalt, gestalts”, ou, se quisermos respeitar a ridícula restrição de nossa tradição ortográfica a consoantes pós-vocálicas no final (as chamadas “mudas”, que de mudas não têm nada), “gestalte, gestaltes”. Definitivamente prefiro a primeira opção. – Registre-se que este reconhecimento da adequação *da palavra Gestalt* não diz nada no sentido da concordância ou discordância com as idéias psicológicas e psicoterapêuticas que foram divulgadas até hoje em conexão com essa palavra!

Sobretudo, creio que neste campo é impossível distinguir com clareza quê elemento é determinante, qual é determinado.

#### 4.6.3. IMAGEM COMPLEMENTAR I: MAGMA

Colocadas lado a lado, as imagens da cachoeira (para o Corpo) e do sistema de água e gelo (para o Psiquismo) podem se tornar enganosas pelo fato de as duas envolverem água: no caso da cachoeira-Corpo, a água representa o fluxo de Matéria-e-Energia; a Informação foi representada pelas pedras que dão a forma ao fluxo.

Já no caso do Psiquismo, usamos a água justamente para representar aquilo que na primeira imagem havia sido representado pelas pedras: a Informação.

Se quiséssemos tornar as duas imagens coerentes entre si, deveríamos então descrever o Psiquismo em termos de pedras: pedras sólidas e pedras derretidas – ou seja, magma. O que não deixa de ser uma imagem interessante para o Psiquismo (ou pelo menos para alguns deles, enquanto outros com certeza correspondem bem melhor à imagem glacial...)

#### 4.6.4. IMAGEM COMPLEMENTAR II: SOFTWARE E HARDWARE

Para que não reste nada obscuro no que estamos tentando dizer neste passo, podemos recorrer a uma analogia fácil mas nem por isso falseadora: com Psiquismo estamos falando de *software*, enquanto que o Corpo é *hardware* – um tipo de *hardware* que só se mantém íntegro caso ligado o tempo todo devido a suas funções de automanutenção, porém ainda assim *hardware*.<sup>26</sup>

Psicólogos e psicanalistas trabalham com *software* (“aquilo que pode ser elaborado no através da palavra”); psiquiatras e neurologistas com *hardware* – ainda que apenas com a parte deste que opera diretamente com dados (o que num computador não é o caso, por exemplo, da fonte de alimentação).

A variedade do que há no nosso Psiquismo não pode ser menor, obviamente, que a variedade do que há num computador em matéria de *software*: parte visa especificamente controlar o funcionamento dos diferentes componentes de *hardware*, parte fornece uma espécie de base ou linguagem geral para as operações, parte são “aplicações” dessas capacidades para fins pragmáticos, parte está à disposição para atividades totalmente voluptuárias (“por puro gosto”, no termo esquisito porém certo oriundo da linguagem jurídica) –

... isso sem falar dos nossos arquivos pessoais, e dos conteúdos de conversas, lances de jogos e outras operações que nem registramos (ou pelo menos não pretendemos registrar).

#### 4.6.5. UM IMBRICAMENTO INEXTRICÁVEL

Ainda na imagem do computador, às vezes é difícil determinar se uma certa falha tem sua raiz no nível do *software* (p.ex., devido a uma instrução equivocada), no do *hardware* (um defeito físico numa unidade de memória) ou no lábil campo energético de interação entre os dois (p.ex., erros nos dados – “arquivo corrompido” – devido a uma oscilação de voltagem no momento da sua gravação).

Está claro que a atividade psíquica consiste principalmente de movimentos *de Informação*, porém nem por isso a coisa é simples,

... pois **até podemos conceber mentalmente a possibilidade de Informação “desencarnada”, mas empiricamente não conhecemos nem traço disso:** a In-

---

<sup>26</sup> Alguns poderão protestar que estou atribuindo “características do mundo morto” aos seres humanos, mas absolutamente *não*. Ao contrário, o mundo dos computadores é que é uma inserção de características do vivo e do humano “no mundo morto”, *realizada intencionalmente por seres humanos*. Quando olhamos para computadores e vemos características que parecem nossas, elas não apenas parecem: são *de fato* nossas; estamos como que vendo aspectos de nós mesmos num espelho – e quem há de negar a utilidade dos espelhos para o auto-conhecimento? Que diríamos de alguém que insistisse que nada do que podemos aprender do espelho é real, pois de real ali existe apenas um pedaço de vidro metalizado?

formação aparece *em todos os casos* como diferenciação (ou modulação) de substância energética (quer em forma material ou não).

Desse modo, não há um só pensamento ou sentimento em nós que não esteja ocorrendo ao mesmo tempo como reação química, o que é movimentação de Energia entre pontos de apoio materiais – e o mero registro de memórias de certa duração se enraíza tão fundo na matéria corporal que envolve codificação genética e produção de proteínas específicas para isso.<sup>27</sup>

Com isso não estou sugerindo que as afinidades espontâneas entre substâncias químicas sejam responsáveis pelo que pensamos – pois não tenho dúvidas de que o dominante aí é o que modula, ou seja, a Informação – do mesmo modo como as palavras transmitidas por rádio, que foram codificadas como modulações sobre uma base de ondas de rádio, definitivamente *não* são determinadas pelo comportamento natural de tais ondas.

Mas “o comportamento natural de tais ondas” *pode* influir na qualidade da transmissão a ponto de alterar em alguma medida a Informação transmitida –

... e, do mesmo modo, tanto as limitações intrínsecas quanto as alterações contingentes da química corporal *podem* chegar a influir nos rumos dos nossos pensamentos.

Além disso, tampouco a Informação estrutural *do Corpo* se desloca livremente pelo ar, baixando onde quiser para instalar um novo empreendimento de modulação de fluxos de Matéria e Energia – mas depende de pelo menos uma sementezinha portadora de códigos materializados para poder começar o processo (ainda que a humanidade esteja mais longe de entender plenamente como isso ocorre do que imaginava antes dos recentes projetos de seqüenciamento integral de DNA, cujos resultados explicaram muito menos do que se esperava).

#### **4.6.6. QUEM “MANDA NO PEDAÇO”?**

Apesar disso tudo, qualquer observação minimamente honesta só pode nos levar a reconhecer que as razões fundamentais do que acontece nos campos da Vida e do Psiquismo não são meramente as da Matéria-Energia – que, sabemos, deixadas a si mesmo evoluem no rumo da morte entrópica – e sim as razões de estruturas de Informação que vão se reproduzindo e perpetuando, com maior ou menor número de alterações... e um pouco mais:

... sobretudo no caso do Psiquismo (embora não só) é preciso também reconhecer que as “razões das estruturas de Informação” não são propriamente delas mesmas em todos os casos – ou então jamais teríamos inovação: são também razões *do que é capaz de gerar informação*: a Intencionalidade-Consciência.

É verdade que (como vimos em 3.3 e 3.4) também o *acaso* é capaz de renovar a Informação – mas (como também já vimos) este atua predominantemente no sentido entrópico (desorganizador) e não no neguentrópico (organizador).

E aí estamos mais uma vez em presença da questão-horizonte (como a chamamos em 3, 3.6 e 3.7) – e por enquanto devemos disciplinadamente trazer os olhos mais uma vez para o que está perto dos nossos pés.

Por enquanto basta-nos propor a seguinte hipótese: se o Psiquismo for incapaz de atuar pelas razões da IC e/ou do seu próprio campo informacional, sendo não apenas influenciado mas *determinado* pelas razões da Matéria, Energia e/ou da estrutura informacional da Base Corpórea, estaremos em presença de um processo patológico –

---

<sup>27</sup> Ver a propósito o recente artigo de David Dobbs sobre as realizações de Eric Kandel nesse campo (Revista *Mente e Cérebro*, dez. 2007 - DOBBS 2007), o que se puder encontrar de artigos de Iván Izquierdo, etc.

... mas estaremos igualmente em presença de um processo patológico se as razões próprias do Psiquismo (incluindo IC) quiserem se impor sozinhas no conjunto sem levar em conta os diferentes grupos de razões da Base Corpórea.

Mas nem tentaremos olhar para os detalhes internos dessa dinâmica toda, pois provavelmente ocupariam compêndios inteiros de Medicina e de Psicologia!

#### 4.6.7. SISTEMATIZANDO NOMES PARA NOSSO USO

Por tudo o que acabamos de ver (e haveria páginas e páginas de exemplos a acrescentar!) percebe-se que seria impossível determinar com clareza até onde vai o físico, onde começa o psíquico em nós – embora também fosse falso dizer que “é tudo a mesma coisa”. (Creio aliás que, em relação a qualquer domínio da realidade, poucas frases podem ser mais falsas do que “é tudo a mesma coisa” – embora com frequência seja verdade dizer de coisas muito distintas: “é tudo parte de uma mesma coisa”).

Pelo menos para os nossos fins (a investigação da presença e atuação da Intencionalidade-Consciência), vem parecendo portanto que vale mais a pena se referir a Corpo e Psiquismo em conjunto, e tenho usado para isso as expressões **Complexo Psíquico-Físico** ou **Campo Psíquico-Físico** – com uma ligeira diferença de conotação que consideraremos logo adiante (em 4.6.9).

Estas expressões *não* são intercambiáveis com outras já usuais, como “psicossomático” ou “psicofísico”, pois com estas últimas se busca geralmente indicar a interação entre os dois pólos, e aqui quero me referir simplesmente ao conjunto total, sem preocupação de analisar o campo da interação. Em termos da Teoria dos Conjuntos, trata-se de uma operação de união, e não de intersecção.

Quanto aos dois pólos desse complexo, para um deles tenho usado **Psiquismo** (como se viu) ou (o que às vezes apresenta vantagens) **Campo Psíquico**.

Para o outro, venho até aqui usando **Corpo** – mas pretendo dar mais e mais preferência a **Base Corpórea**.

Como Campo Psíquico mais Base Corpórea formam o Complexo Psíquico-Físico, percebe-se que as palavras “físico” e “corpóreo” se referem ao mesmo campo – mas não seria adequado entendê-las como sinônimas: o corpóreo é *uma das formas possíveis* do físico.

Uma outra observação necessária é que, apesar do papel estruturante da informação na Base Corpórea, não pretendo falar de um “Corpo de Informação” e de um “Corpo Físico” como entidades com qualquer grau de autonomia em relação uma à outra – e isso porque sem a estrutura de Informação *nem existiria* o Corpo Físico em questão: a matéria e energia que lhe dão substância estariam fazendo outras coisas por aí, e nem ao menos estariam reunidas.<sup>28</sup>

#### 4.6.8. O SENTIDO TRADICIONAL DA PALAVRA CORPO

Sobre a palavra Corpo há ainda uma observação interessante a fazer: no jargão da Física qualquer pedra é um corpo, qualquer xícara, qualquer estrela – mas apesar disso ninguém diz “ele chutou o corpo da pedra”, e sim apenas “chutou a pedra”.

Já na linguagem cotidiana, bem como nos campos biológico e teológico, a palavra não se refere a nenhuma entidade simples, mas sempre à estrutura hiper-complexa de Informação, Matéria e Energia que é um corpo de ser vivo.

Mas não pára aí: ninguém diria “ela dissecou o corpo da planta”, mas apenas “dissecou a planta”, nem exclama “que corpo!” ao ver uma exuberante samambaia.

---

<sup>28</sup> Estou com isto expressando discordância frente à nomenclatura “Corpo Físico” e “Corpo Etérico” como empregada por Rudolf Steiner e outros autores que recorrem a matrizes semelhantes, objetando não que o Corpo Etérico não exista, mas que, pelo contrário, sem ele (que é a estrutura de Informação) nem chega a existir algo que possa ser chamado de Corpo Físico. Que no discurso steineriano a expressão Corpo Etérico seja empregada também para *mais* que a estrutura informacional do Corpo Físico, isso já uma outra questão.

Também não é usual falarmos de “corpo” diante de uma pessoa ou animal adormecidos – mas falamos sem hesitação diante de uma pessoa ou animal mortos.

Isso sugere que o sentido tradicional da palavra seja mesmo: “a parte física de algo que também inclui um Psiquismo”, e não que apenas tenha vida (como é o caso da planta).

É bem provável, porém, que os antigos se guiassem nisso pela presença de *respiração visível* (o ser humano adormecido respira; sabemos hoje que a planta também respira, mas por um processo bem diferente, e que não nos é facilmente perceptível).

E “respiração” é precisamente o sentido original da palavra “espírito”.

Mas com isto não estou dizendo “o que é”, nem “o que eu acho”, e sim apenas registrando um passo da história das concepções, passo do qual é importante ter conhecimento.

#### 4.6.9. A IC NO COMPLEXO PSÍQUICO-FÍSICO TOTAL [ANOTAÇÕES INCOMPLETAS]

[IC é da mesma natureza do resto do Psiquismo? Podemos ser tentados a dizer que sim; que p.ex. é feita de informação. Olhemos de dentro dela, e saberemos que não; que as teorias que a buscam explicar em termos de outras coisas são inconsistentes; **a Intencionalidade é um elemento primário.** (Talvez mais que seu aspecto a consciência?)

Há aqui uma certa tentação de dizer que o psiquismo fornece à Intencionalidade-Consciência “as peças e o campo” – mas na realidade a Intencionalidade-Consciência toma como seu campo *tanto o psiquismo quanto a base corpórea*, em conjunto.

Só não se deve pensar que a Intencionalidade-Consciência seja uma peça do Psiquismo como qualquer outra, ou mesmo do Campo Psíquico-Físico total. Podemos, sim, vê-la como uma peça integrante – porém uma peça única, sobretudo e de material distinto:

... resultante (emergente) ou pré-existente, a Intencionalidade-Consciência é irreduzível quer a Informação, quer a Energia, quer a Matéria ou a qualquer outra forma de Energia Informada: a Intencionalidade-Consciência é uma “coisa” ou uma “substância” em si.

Em outras palavras: respeito enormemente as descobertas de António Damásio e venho aprendendo muito com ele... mas acho que quem errou foi ele, ao proclamar levemente – e depois não conseguir demonstrar – que Descartes errou.<sup>29</sup>

Uma última palavra necessária: estou usando de modo mais ou menos indiferente “Complexo Psíquico-Físico” e “Campo Psíquico-Físico”. Digo “mais ou menos” porque tenho uma certa sensação... de que a primeira expressão (complexo) sugere o conjunto total, com a IC inclusa, enquanto que a segunda (campo) sugere o conjunto *menos* a IC, ou seja: justamente o campo total de que ela dispõe para seus jogos... (É sobretudo o fato de os componentes serem de naturezas diferentes, não comensuráveis e de certa forma imiscíveis, que torna tão apropriada a palavra “complexo” no primeiro caso).

**[A DESENVOLVER: os focos secundários de IC; a questão da existência ou não de uma IC principal]**

#### 4.7. A IC em ação nos seus campos [NOTAS A DESENVOLVER]

As diferentes faculdades psíquicas reconhecidas desde há muito (agir, sentir, conhecer, pensar, querer) podem ser todas descritas em termos da ação da Intencionalidade-Consciência nesse campo complexo. (Como um exercício de flexibilidade do pensamento e da compreensão, nesta seqüência empregarei muitas vezes a pa-

---

<sup>29</sup> Descartes pode até, aliás, ter errado em muita coisa, mas Damásio pensa especificamente na sua identificação de uma Res Cogitans como irreduzível a Res Extensa (isto é: a matéria-energia-espaço) – e justamente nesse ponto não creio que tenha tido o menor sucesso em abalar o velho francês...

lavra VOLUNTARIEDADE, mencionada como sinônimo de Intencionalidade-Consciência já no ponto 2).

#### 4.7.1. Agir

*Dentro do quadro esboçado acima, AGIR é sempre informar Energia, e o sujeito do agir (ou ação) é a Voluntariedade (IC); para os efeitos que continuam no mundo por inércia cabem melhor palavras derivadas como "atuar, atuação".*

Na ação, a IC *sempre informa inicialmente a Energia do seu próprio campo psíquico-corporal, e através dele*, então, o mundo que se encontra além dele. (Não se veja nisso nenhum mistério: descrevi apenas o que acontece quando, p.ex., conduzo os dedos até as teclas do computador, e em seguida as aperto).

#### 4.7.2. Conhecer

No CONHECER, a Voluntariedade (IC) se contém, se abstém de agir, e deixa que o mundo informe o seu campo, tomando consciência de algumas das informações, deixando que outras fiquem registradas no campo, para tomar consciência delas, ou não, em momento posterior.

A TOMADA DE CONSCIÊNCIA – expressão um pouco enganosa, que deveria ser substituída por outra melhor – *é via de regra intencional*, mas pode ser não-intencional conforme a quantidade de Energia com que a Informação chega (uma porta batendo, uma campainha estridente – coisas que talvez sejam tão desagradáveis à Intencionalidade-Consciência justamente por desrespeitarem o seu caráter de voluntariedade), mas também conforme *a natureza* da Informação que chega (um sussurro com o nosso nome, um roçar sensual em nossa perna).

#### 4.7.3. Sentir

No SENTIR, a Intencionalidade-Consciência (ou Voluntariedade) deixa chegarem a si informações *do seu próprio campo*: o modo como ele é alterado pelas Informações e Energia que lhe chegam de fora, ou pela atuação ou interação das informações que já se encontram registradas dentro do campo. (Note-se bem a diferença frente ao conhecer: no conhecer tomo consciência de *informações* que foram transcritas dentro do meu campo; no sentir, *das alterações que tais informações provocaram* em mim).

Quanto ao SENTIMENTO, podemos talvez entendê-lo como a IC dando atenção à dinâmica de harmonias e desarmonias entre as informações e/ou alterações acolhidas e as estruturas do próprio campo. É possível, porém, que haja bem mais a investigar, escondido sob esse rótulo.

Note-se ainda que em todo esse campo do sentir e do sentimento há uma consideração das coisas em relação a si, porém de modo passivo: deixar-se afetar pelas coisas, deixar que elas cheguem a si.

#### 4.7.4. O Pensar e o Sonhar

Já o ato de PENSAR *é uma forma de ação* da Voluntariedade-Consciência, embora apenas dentro do seu próprio campo: trata-se processar ou elaborar informações acolhidas anteriormente e preservadas dentro do campo (ainda que esse "anteriormente" possa significar apenas um momento antes).

PENSAR *não* é o mesmo que CONHECER: a IC entremeia o pensar com atos de conhecer – que é buscar novas informações e deixar que penetrem no campo – e *aí* opera com elas no que é propriamente o pensar.

Como matar a charada do SONHO? A Consciência está presente, mas não está regendo o campo psíquico: ela não *se dirige*, não passa pelas coisas: são imagens do campo psíquico que passam por ela. Ela está talvez incompleta... ou mal "encarnada" ou "mal voltada a existir", talvez aprisionada – assim como a Energia pode ser

aprisionada, talvez também a Consciência, ficando privada da capacidade de pôr em ação a sua Intencionalidade. Por isso o caráter muitas vezes agonizante dos sonhos... e passageiro, felizmente!

**[A desenvolver: pensar como ato de vontade; referência a que há "outros pensares", que o pensar nem sempre é ato livre; vários pensares pq vários quereres]**

#### 4.7.5. Quereres

Talvez, de todas essas palavras, a mais problemática seja o QUERER – pois poderia referir-se simplesmente ao exercício do aspecto Intencionalidade da Intencionalidade-Consciência – porém com maior frequência se trata da percepção, pela Consciência, de Intencionalidades ou pelo menos tendências que não são as suas próprias, mas têm origem em pontos diversos do seu campo físico-psíquico e até mesmo fora dele.

É claramente observável que há em cada pessoa um número considerável de focos de querer, ou de intencionalidade, buscando influenciar a Intencionalidade-Consciência central ou até mesmo substituí-la. Uma forma de descrevê-lo é a teoria dos arquétipos, de Jung, mas com certeza haverá outras. Uma grande questão é se esses focos podem ter já em si algum princípio de Consciência, ou se só o obtêm parasitando a IC principal (como nos fenômenos de possessão). Trata-se, como se pode ver, de um campo vasto e complexo a que só podemos lançar agora um olhar de relance.

#### 4.7.6. Amores

Finalmente: também AMOR é uma palavra usada em no mínimo dois sentidos: um, uma Vontade de união ou fusão com o campo de outro – e quem sabe *com a própria Intencionalidade-Consciência* do outro. (Seria isso uma tendência de expansão ou de auto-extinção – uma espécie de suicídio – da IC que ama?... Provavelmente às vezes um, às vezes outro, às vezes uma mescla dos dois).

Ou então AMOR pode significar um postar-se na periferia de si, de prontidão para o outro, equilibrado entre a intenção de agir e de receber, pronto para as duas.

Creio que são duas coisas bastante diferentes que têm sido referidas por uma palavra só – e não tenho dúvidas de que foi segunda que muitos já identificaram como forma superior do amor.

(Não vejo porém nenhuma propriedade na velha mania de achar que as diferentes palavras gregas *éros* e *agápe* se referem claramente a esses dois sentidos; no uso cotidiano *agápe* é apenas um "querer bem" genérico – ainda que possa ser a palavra de escolha quando se quer falar de "amor superior").

#### 4.7.7. O pensar quer ou o querer pensa? [A DESENVOLVER]

Uma confusão recorrente a evitar é a entre idéia e sujeito ideante, entre a *Res* ou o *Ens Cogitans* (a coisa ou ser que pensa) e a *cogitatio* (o ato de pensar).

O que se relaciona com a opção (que julgamos equivocada) de considerar a Consciência una com o Pensar, e não com a Vontade; ter pensado portando que o *Pensar* é livre, e não a Vontade – quando a própria palavra "livre" (*liber*) significa etimologicamente "queredor".

#### 4.7.8. Dos pensamentos que nos habitam [A DESENVOLVER]

Como desconsiderar, enfim, as mil coisas que "pensam em nós", de que não temos Consciência? Os mil padrões seculares adquiridos do ambiente, que dirigem quase constantemente os nossos julgamentos?

Haverá Consciência nesses focos de pensamento secundários que carregamos em nós, ou apenas programação, como em computadores-robôs poderosos?

Parece-me bem possível, sim, que boa parte do nosso pensar seja resultado da ação *passada* de uma ou mais Intencionalidades-Consciências ausentes; que seja apenas parte de uma rede de dados imensa, complexa, embora seja capaz de reagir no presente (dar respostas ao ambiente) de modo aparentemente original –  
... sem deixar de ser por isso um “id”, um “es”: “alguma coisa em mim”.

## **CAPÍTULOS 5, 6 E 7 OMITIDOS NESTA PUBLICAÇÃO: EM PROCESSO DE TOTAL REORDENAÇÃO**

### **REFERÊNCIAS [LISTA PROVISÓRIA]**

- ALVES, Rubem A. *et.al.* *Liberdade e Fé*. Rio de Janeiro: Tempo e Presença, 1972.
- AUGER, P. BORN, M. HEISENBERG, W. e SCHRÖDINGER, E. *Problemas da física moderna*. São Paulo: Perspectiva, 1990.
- BARZ, Heiner. *Anthroposophie im Spiegel von Wissenschaftstheorie und Lebensweltforschung. Zwischen lebendigem Goetheanismus und latenter Militanz*. Weinheim: Deutscher Studienverlag, 1994.
- BATESON, Gregory. *Natureza e espírito*. Lisboa: Dom Quixote, 1987.
- BLOISE, Paulo V. *O tao e a psicologia*. São Paulo: Angra, 2000.
- CAPRA, Fritjof. *As conexões ocultas*. São Paulo: Cultrix, 2002.
- CHAUÍ, Marilena. *Introdução à história a filosofia: dos pré-socráticos a Aristóteles*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- COHN, Gabriel. *Comunicação e indústria cultural*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1971.
- DOBBS, David. *A arte de fazer nós*. Revista Mente e Cérebro, Dez. 2007. São Paulo: Duetto Editorial.
- DORIA, Francisco Antonio. *Marcuse, vida e obra*. Rio de Janeiro: José Álvaro / Paz e Terra, 1974.
- FERRATER MORA, José. *Diccionario de filosofia abreviado*. 2.<sup>a</sup> ed. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1972.
- GRIBBIN, John. *À procura do gato de Schrödinger. A física quântica e sua influência no mundo atual*. Lisboa: Presença, [198?].
- HOYLE, Fred. *O Universo Inteligente*. Lisboa: Presença, 1986.
- KOYRÉ, Alexandre. *Do mundo fechado ao universo infinito*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária / São Paulo: EDUSP, 1979.
- MATTOS, Cláudia Valadão de. *Paisagens essenciais / As formas do real*. Em *Goethe. Coleção entreclássicos n.5*. (Edições especiais da revista EntreLivros). São Paulo: Duetto, 2006.
- NICOLESCU, Basarab e BADESCU, Horia (orgs). *Stéphane Lupasco, o homem e a obra*. São Paulo: Triom, 2001.
- PAUL, Joachim. *Kritische Anmerkungen zur Anthroposophie Rudolf Steiners ...* (2002). Disponível em <http://www.vordenker.de/anthroposophiekritik/anthroposophiekritik.htm>. Consultado em 28.07.2007.
- RICKLI, Ralf. *O fantasma de Aristóteles e a educação, método e ética de que precisamos hoje*. Em *Pedagogia do Convívio: na invenção de um viver humano*. Santos: Trópis, 2007. Também disponível em <<http://www.tropis.org/biblioteca/pc12-aristoteles.zip>>
- ROBINSON, Paul A. *A esquerda freudiana: Wilhelm Reich, Geza Roheim, Herbert Marcuse*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.
- SCARUFFI, Piero. *Quantum consciousness*. Disponível em <<http://www.scaruffi.com/science/qc.html>>. Consultado em 20.12.2007.
- SILESUS, Angelus. Ver nota 40.
- STEINER, Rudolf. *Die Mystik im Aufgange des neuzeitlichen Geisteslebens*. GA 007. Ed. de bolso segundo o texto da 5.<sup>a</sup> ed. (1960). Dornach: Rudolf Steiner Verlag, 1977.

- *O vínculo entre os vivos e os mortos e outras conferências em tempo de guerra*. GA 168. Tradução de Ralf Rickli. São Paulo: Sociedade Antroposófica no Brasil, 2005.
  - *Hierarquias espirituais e seu reflexo no mundo físico*. GA 110. Tradução de Ralf Rickli. São Paulo: Sociedade Antroposófica no Brasil, 2001.
  - *A ciência oculta*. GA 13. 6.<sup>a</sup> ed. São Paulo: Antroposófica, 2006.
  - *O anjo em nosso corpo astral*. GA 182, V. São Paulo: Antroposófica, 2006.
- STEWART, Ian. *Será que Deus joga dados? A nova matemática do caos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.
- SUHRBIER, Birgit Mona. *Die Macht der Gegenstände. Menschen und ihre Objekte am Oberen Xingú, Brasilien*. (Curupira 6). Marburg: 1998.
- WEAVER, W. *A teoria matemática da comunicação*. Em COHN 1971.
- ZOHAR, Danah. *O ser quântico*. São Paulo: Best Seller, s/d.
- ZOLLA, Elémire. *The uses of imagination and the decline of the West*. Ipswich: Golgonooza, 1978.

**COPYLEFT:** este texto pode ser reproduzido em parte ou em todo, desde que:

- (1) mencionado clara e corretamente o título e nome do autor
- (2) mencionada a fonte e modo de acesso (*link*)
- (3) sem alteração de nem uma palavra, a menos que com indicação clara da alteração e identificação do responsável pela alteração